

O GÊNERO COMO MARCA DE SOCIABILIDADES ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES

Anderson Patrick Rodrigues
Wilma de Nazaré Baia Coelho

Resumo: Trata-se de um estudo bibliográfico sobre o gênero como marca de sociabilidades entre adolescentes escolares. Tem o objetivo de analisar, segundo Bardin (2011), o que dizem teses e dissertações, defendidas em Programas de Pós-Graduação brasileiros entre 2004 e 2013, sobre esta temática. Como aporte teórico recorreu-se a Bourdieu (1989, 1996, 2003 e 2014) e Coelho (2009). Os resultados revelam que o estudo sobre as influências do gênero nas sociabilidades adolescentes, neste período, apresentam o preconceito e a violência institucional como principais agentes influenciadores da aceitação (ou não) coletiva e da permanência de adolescentes homossexuais e transgêneros na escola.

Palavras-chave: Gênero, sociabilidades adolescentes, escola básica.

El género como marca de sociabilidad entre adolescentes escolares

Resumen: Se trata de un estudio bibliográfico sobre el género como marca de sociabilidad entre adolescentes escolares. El objetivo es analizar, según Bardin (2011), lo que dicen tesis y disertaciones, defendidas en Programas de Postgrado brasileños entre 2004 y 2013, sobre esta temática. Como aporte teórico se recurrió a Bourdieu (1989, 1996, 2003 y 2014) y Coelho (2009). Los resultados revelan que el estudio sobre las influencias del género en las sociabilidades adolescentes, en este período, presentan el prejuicio y la violencia institucional como principales agentes influyentes de la aceptación (o no) colectiva y de la permanencia de adolescentes homosexuales y transgéneros en la escuela.

Palabras clave: Género, sociabilidad de los adolescentes, escuela básica.

Gender as a mark of sociabilities among school adolescents

Abstract: It is a bibliographic study about gender as a mark of sociability among school adolescents. Based on studies of Bardin (2011), the objective is to analyze what theses and dissertations, conducted in Brazilian Post-Graduation Programs between 2004 and 2013, on this subject. Theoretical frame was based on contributions of Bourdieu (1989, 1996, 2003 and 2014) and Coelho (2009). The results show that the study of gender influences in adolescent sociabilities, in this period, presents prejudice and institutional violence as the main influencing agents of collective acceptance (or not) and the permanence of homosexual and transgender adolescents in school.

Keywords: Gender, young sociabilities, basic school.

Introdução

A tradição dos estudos sobre adolescentes, especialmente no Brasil, ocupa-se majoritariamente de problematizar esta condição por duas categorias-chave: a violência e a sexualidade¹ (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002). Recentemente outras categorias surgiram para ampliar os estudos sobre a adolescência e sobre adolescentes, ancoradas principalmente nas Ciências Sociais, dentre elas o estudo das sociabilidades adolescentes, (RIBEIRO, 2010; CARVALHO, 2013) ocupada de entender como as relações sociais interferem na construção da condição adolescente.

O interesse pela pesquisa sobre sociabilidades adolescentes nos levou para a investigação da realização deste fenômeno nos ambientes da Escola Básica brasileira, pois, tradicionalmente a

¹ Sobre os autores que estudam estas categorias de sociabilidade, ver os trabalhos de: Cecchetto; Monteiro; Vargas (2012); Koller (1997); Monteiro (2010); Pimenta (2014).

escola vem se firmando um ambiente de tensões e conflitos (BOURDIEU, 2014) especialmente entre adolescentes, muitas vezes motivados por intolerância às diversidades, muitos deles inclusive chegando a violências extremas², que podem ser entendidas como consequências de um quadro mundial, igualmente preocupante, motivado pela intolerância e, em nosso caso, também alimentado pelo sucateamento da educação brasileira.

Não queremos aqui responsabilizar a escola pelos constantes casos de violência entre seus alunos adolescentes, mas também não podemos fechar os olhos para o fato de a violência entre adolescentes tratar-se de um problema constante (FERRÃO, 2011); e que a escola precisa confrontá-lo urgentemente. A saída talvez esteja em desenvolver um currículo voltado para a valorização das diversidades de seus alunos e suas alunas, visto que o ensino tradicional não contempla uma ação socializadora para a maioria destes (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002; COELHO; COELHO, 2016; COELHO; SILVA, 2016), e cada vez mais resulta em casos como o do aluno que morreu após uma briga com um colega de escola em Belo Horizonte (PORTAL R7, 2016); ou do adolescente de 12 anos, que morreu após ter sido espancado em uma escola pública da cidade de Belém do Pará (PORTAL G1, 2016a), ou da adolescente de quatorze anos, candomelecionista, agredida por uma colega de turma, motivada por intolerância religiosa (BOECHAT, 2015); ou ainda do adolescente, aluno de uma escola estadual na zona sul de São José dos Campos (SP), espancado a pauladas por adolescentes em frente à escola, motivados por homofobia (PORTAL G1, 2016b), dentre tantos outros, que, infelizmente, estão cada vez mais comuns em nossos noticiários e nas redes sociais, Brasil a fora, nos apresentando uma escola passiva e direta ou indiretamente conivente com a manutenção de hierarquias que justifiquem esse desvio de comportamento entre seus estudantes.

Diante de tal fenômeno, e das lacunas ainda existentes sobre o mesmo, analisaremos teses e dissertações produzidas em diferentes Programas de Pós-Graduação brasileiros, no período compreendido entre 2004 e 2013 e disponibilizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBTD³, em busca de traçarmos um debate teórico sobre as sociabilidades adolescentes na Escola Básica; em especial, sobre as influências do gênero na determinação destas sociabilidades. Esta pesquisa, portanto, adentra em um campo em crescimento contínuo, mas que, em determinado momento da história de seus estudos, suas representações de dominância ainda não estavam bem definidas a exemplo do número existente de teses e dissertações disponíveis e das lacunas apresentadas nas mesmas.

² Está cada vez mais comum a divulgação midiática de violência adolescente dentro e fora das escolas de todo o Brasil. Os motivos são, na maior parte das vezes, os mais fúteis possíveis, como disputas esportivas, fofoca, disputa por namorados(as), por beleza, por coragem, etc., mas também por outros motivos mais complexos como por exemplo, por racismo, intolerância religiosa e homofobia. Independente do motivo, os resultados são sempre desastrosos e revelam a crise em que se encontra a Escola Básica brasileira.

³ De acordo com informações obtidas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a BDBTD foi concebida e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB), com apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP), tendo o seu lançamento oficial no final do ano de 2002 e tem como principal objetivo reunir, em um só portal de busca, as teses e dissertações defendidas em todo o País e por brasileiros no exterior. Qualquer instituição brasileira de ensino e pesquisa que tenha Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (mestrado e/ou doutorado) poderá solicitar a sua participação na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD). Mais informações, acessar: <<http://bdttd.ibict.br/vufind/>>.

A partir da análise do Conteúdo, segundo Bardin (2011)⁴, entendida como conjunto de técnicas de análises das comunicações que tem como objetos as mensagens e como objetivo a manipulação destas mensagens, que possibilitem inferências de outras realidades que não a expressa *ipsis litteris* na mensagem estudada; ocupar-nos-emos de analisar e compreender o que nos dizem esses trabalhos sobre a realização das “sociabilidades adolescentes” presentes no período em questão, buscando identificar as possíveis lacunas e apontar caminhos para enriquecer o debate deste fenômeno no campo acadêmico, especialmente no que tange ao gênero como influenciador de sociabilidade.

O presente artigo é resultado integrante de estudo bibliográfico sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica, realizado posteriormente, onde o gênero surge como um dos fatores que influenciam as relações de sociabilidades estabelecidas entre adolescentes escolares e destes com a Escola Básica⁵. É importante ressaltar que, para a coleta dos trabalhos, utilizamos um recorte semântico cujas unidades formais utilizadas como descritores foram: sociabilidades⁶; sociabilidades adolescentes⁷; e sociabilidades na Escola Básica⁸. Nesta perspectiva, foram encontrados trabalhos defendidos nos programas de Pós-Graduação das universidades: UFRGS, UFC, UNICAMP, PUC GO, UFSC, UFSCAR, UFRGN, UFMG, UNISINOS, PUC SP e UERJ. Neles, identificamos vinte e nove dissertações e teses sobre sociabilidades adolescentes, dos quais selecionamos apenas vinte e um trabalhos, por ocuparem-se exclusivamente desta temática na Escola Básica.

O primeiro dado relevante é a identificação da autoria majoritariamente feminina⁹, dos trabalhos defendidos entre 2004 e 2013; outro dado relevante é a inexistência de teses e

⁴ Em caráter explicativo, afirmamos que os dados foram categorizados de acordo com os conceitos de Laurence Bardin (2011), possuindo, portanto, certas qualidades como: meio de exclusão mútua – cada elemento só pode existir em uma categoria; homogeneidade – para definir uma categoria, é preciso haver só uma dimensão na análise. Se existem diferentes níveis de análise, eles devem ser separados em diferentes categorias; pertinência – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc.; objetividade e fidelidade – se as categorias forem bem definidas, se os temas e indicadores que determinam à entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas; e produtividade – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos; para apresentar de forma condensada os dados em bruto buscando torna-los significativos e válidos.

⁵ Dentre as categorias mapeadas nos trabalhos analisados, aquelas apontadas como influenciadoras de sociabilidades adolescentes, na Escola Básica, são: as artes; a ausência paterna; as hierarquias escolares (isto é, as relações sociais legitimadas por relações de poder estrutural e estruturante de dominantes sobre dominados, referentes a questões de raça/etnia, gênero, religião, condição social, econômica, cultural, etc.); os esportes; as tecnologias; e a violência. Esta última figura como principal agente influenciador de sociabilidades na Escola Básica e nos alerta para a necessidade de uma ação efetiva da escola no sentido de combatê-la, em todas as suas realizações: seja contra a escola (através da danificação de equipamentos, móveis e estruturas físicas); seja entre estudantes (através de agressões físicas e verbais mútuas); seja em sua versão simbólica (através de discriminações sociais, raciais e de gênero, abuso de autoridade e de poder, quer possuam origem interna ou externa à instituição escolar).

⁶ Ao inserir como descritor o termo “sociabilidades”, encontramos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações o total de 1.765 pesquisas, distribuídas em 550 teses e 1.215 dissertações, produzidas e distribuídas em diferentes áreas do conhecimento. Acesso em: 18 jun. 2015.

⁷ Ao inserir como descritor o termo “sociabilidades adolescentes”, encontramos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações o total de 85 pesquisas, distribuídas em 27 teses e 58 dissertações, produzidas em diversas áreas do conhecimento. Acesso em: 18 jun. 2015.

⁸ Ao inserir como descritor o termo “sociabilidades na Escola Básica”, encontramos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações o total de 11 pesquisas distribuídas em 03 teses e 08 dissertações, produzidas em diferentes campos do conhecimento. Acesso em: 18 jun. 2015.

⁹ A presença majoritária de mulheres na Pós-Graduação não é novidade. Segundo o Censo do Ensino Superior, realizado anualmente pelo INEP, já no ano 2000, houve um crescimento de 15% na matrícula de estudantes do

dissertações sobre esta temática na região Norte do Brasil, neste mesmo período. Do total de trabalhos mapeados, apenas duas dissertações ocuparam-se dos estudos do gênero como influenciador de sociabilidades: as dissertações de Liane Aparecida Roveran Uchoga (2012), e Gustavo Arthur Monzeli (2013).

A organização dos trabalhos aconteceu em três fases complementares: pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados, inferências e interpretações. Seguindo as orientações de Bardin (2011, p. 95), a pré-análise consistiu na organização e sistematização das ideias iniciais para assim facilitar o desenvolvimento da pesquisa; a exploração do material consistiu em ler e selecionar os trabalhos que foram analisados; e o tratamento dos resultados, inferências e interpretações consistiram na separação e no tratamento dos trabalhos em categorias que facilitaram o mapeamento pretendido e a análise final dos mesmos.

A pré-análise e a exploração do material constituíram a primeira fase de nosso estudo, nela ocorreram a delimitação dos objetivos, a busca, leitura e a seleção das teses e dissertações sobre sociabilidades adolescentes no período delimitado entre 2004 e 2013, ou seja, ocupamo-nos de buscar material para compor o *corpus* de nossa pesquisa e agrupá-lo de acordo com os dados brutos obtidos para, posteriormente, criarmos um quadro conceitual facilitador da realização de análise aqui proposta.

A fase posterior ocupou-se da criação, organização e análise de categorias e unidades temáticas, pois, o mapeamento inicial dos trabalhos encontrados nos permite agrupá-los em categorias em torno de algumas unidades temáticas correntes. Dentre as categorias estabelecidas, apenas a categoria “gênero” será discutida no decorrer deste trabalho, pois nos deteremos à análise das mensagens apresentadas nos trabalhos referentes ao gênero como influenciador de sociabilidades entre adolescentes escolares, em busca dos “ditos e não ditos” nestes trabalhos.

Passaremos, então, a partir da sessão seguinte, ao estudo sobre os ditos e não ditos nas teses e dissertações por nós analisadas nesta pesquisa sobre as influências do gênero nas relações de sociabilidades entre adolescentes, na Escola Básica.

Escola Básica e sociabilidades adolescentes: linhas e entrelinhas

Antes de entrarmos na reflexão sobre gênero e sociabilidades, precisamos atentar para o fato de que há uma unanimidade entre os trabalhos analisados em tratar a Escola Básica como um local de sociabilidades, isto implica dizer que seus estudantes muitas vezes deixam de ir à escola para aprender, deixando de verem-na como um espaço de construção de conhecimento e atribuem um novo significado: espaço de socialização, de interação com amigos(as) e grupos. A educação, portanto, para estes(as) adolescentes, fica em segundo plano em suas aspirações de vida.

Quanto ao conceito privilegiado de sociabilidades nos debates trazidos nestes trabalhos, ressaltamos a influência de Simmel (1983)¹⁰ como referencial teórico mais utilizado pelos(as)

sexo feminino em todo o território brasileiro, enquanto verificou-se, no mesmo ano, o decréscimo de 12% nas matrículas de estudantes do sexo masculino nas Instituições de Ensino Superior brasileiras.

¹⁰ Estudou História e Filosofia na Universidade de Berlim e é considerado pai da Sociologia Formal ou Sociologia das Formas Sociais. Preocupou-se em descobrir os padrões de interação que subjazem às formações sociais mais latas (num registo a que hoje chamaríamos "microsociologia"), além de ocupar-se das funções do conflito

autores(as), o que nos remete ao entendimento deste conceito como um processo de interação social, linguístico e semântico, inerente aos seres humanos e como tal, influenciável pelos diferentes momentos históricos e sociais em que ocorrem, podendo resultar em influência, direta ou não, no engendramento de hierarquias sociais que podem mediar ou influenciar outros a um “molde” uniformizado e valorizado, ou permitir-se moldar, por hierarquias diferentes que remetam aceitação, identificação e a sensação de pertencimento a determinado(s) grupo(s).

As pesquisas analisadas nos sinalizam, porém, que a Escola Básica não pode ser vista apenas como um local de escolarização, isto implica afirmar que não deve resumir-se a conteúdos e práticas pedagógicas seriadas pré-definidas pela tradição pedagógica, mas que também necessita entender seus estudantes, o momento biológico em que vivem, suas necessidades formativas, como desenvolvem seus protagonismos no ato das relações sociais que ocorrem no interior da escola, os espaços privilegiados e as ocorrências de exclusão e violência existentes e decorrentes das diversidades existentes na escola.

Uma contribuição importante dos trabalhos analisados, portanto, é que a Escola Básica brasileira, deve olhar para seus estudantes, realmente vê-los, conhecê-los e procurar entendê-los, mais ainda, dar voz a eles. É preciso, urgentemente, entender o que é adolescência, suas diferentes constituições e manifestações, como vivem os adolescentes hoje, como se agrupam, como se socializam e o que rege suas aproximações, seus laços de afetividade dentro da escola.

As teses e dissertações analisadas nos revelam uma realidade contraditória diante de nossos olhos: a escola, que deveria ser um local de acolhimento e integração, muitas vezes aparece regida por um currículo segregador que resulta na manipulação de atos e intenções realizados pelos sujeitos que nela circulam, no caso de nosso objeto, nos atos de seus estudantes adolescentes, direcionando-os para uma seleção meritocrática individual, que reforça a diferenciação intelectual e social através de questões relativas a gêneros, cor da pele, religião, *status* social, *status* intelectual e cognitivo, dentre outros, que determinam lugares diferenciados que, futuramente, poderão refletir na posição social que estes(as) estudantes atingirão na sociedade. A leitura dessa realidade converge para a afirmação de que não podemos tratar sociabilidades adolescentes sem abordar a questão das violências que podem permear estas relações, pois a prática de tais violências também sinaliza a demarcação de territórios, caracterizam grupos e engendram, simbolicamente ou não, poder e hierarquias dentro da estrutura social existente na Escola Básica.

Há, como vemos, uma contracultura dentro da Escola Básica, que parte das sociabilidades juvenis e pode destoar dos objetivos pretendidos pela cultura escolar tradicional para seus(as) estudantes. Trata-se de uma resposta ou da resistência contra um sistema educacional que privilegia uns e invisibiliza outros, podendo até mesmo ser um grito de socorro, que, por vezes, transforma-se em atitudes delitivas ou transgressoras da ordem, pautadas na inversão dos valores sociais privilegiados pela classe média brasileira. Esta conduta resulta em violências na escola, da escola e

na sociedade, considerando-o uma força mais construtiva do que destrutiva. Cf. [http://www.infopedia.pt/\\$georg-simmel](http://www.infopedia.pt/$georg-simmel).

contra a escola¹¹ e podem afetar a rotina da mesma de forma prejudicial não só ao patrimônio escolar, mas também à função social da instituição.

A demarcação de espaços através das pichações nas paredes, especialmente nos banheiros das escolas, a danificação ou destruição total de mesas, carteiras, ventiladores, janelas, livros didáticos, etc., são alguns dos exemplos de resistência de estudantes contra a forma bancária e imutável da Escola Básica, a transgressão do uso de uniformes do gênero oposto, ou de um gênero “neutro” também. É quase uma forma desesperada de dizer “estamos aqui, olhem para nós!”, ao mesmo tempo em que é um aviso aos demais adolescentes de “este é meu espaço/corpo, não ultrapasse os limites sem permissão!”. O grande problema é que, mesmo com tais condutas, a escola continua não enxergando seus adolescentes, pelo menos não da forma correta. Vê-se o delito, mas não o que o motiva. Pune-se o delito, mas não corrige o que o motiva; e enquanto a escola não mudar a concepção de suas estratégias de ensino, sua atual constituição institucional, os problemas provenientes desta “cegueira” continuarão sem solução.

A escola, ainda segundo os autores, ao mesmo tempo em que pode ocultar a relação de forças presente em sua constituição, pode também reproduzir diferenças ao tornar a cultura de um grupo social específico, percebida como sendo mais importante, a única digna de ser transmitida, o que faz da escola um mecanismo cotidiano de reprodução social (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Essa reprodução ocorre por meio das relações sociais, no ato comunicacional, ou, mais especificamente, pela palavra de quem é “eleito” ou legitimado pela instituição como conhecedor, detentor do poder simbólico, isto é, o poder “invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8); e que marca hierarquicamente o lugar do outro, o ouvinte, como inferior ou subalterno.

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1989, p. 15).

Para Bourdieu (1989), as estruturas hierárquicas de poder são produtos de um trabalho árduo de reprodução ideológica que resulta em uma violência simbólica, instituída pela naturalidade atribuída à relação de dominação do dominado sobre o dominante, resultante da “incorporação de

¹¹ A violência na escola é aquela que ocorre no interior dos espaços escolares, entre ou contra estudantes, sem, no entanto, ligar-se diretamente às atividades institucionais da escola. A violência à escola ocorre contra tudo o que representa a escola enquanto instituição: patrimônio, professores, saberes, rotina, currículo, etc.; enquanto que a violência da escola é aquela que ocorre no campo simbólico, também chamada de violência institucional, manifestada nas discriminações direcionadas a estudantes, por parte de seus profissionais: professores, corpo técnico, funcionários, etc., e motivada por preconceito de ordem social, sexual, religiosa, econômica, etc., baseada na perseguição pessoal e no abuso de poder e autoridade. Para aprofundamento do tema, ver os trabalhos de Elis Palma Priotto (2006; 2008); Elis Palma Priotto e Lindomar Wessles Boneti (2009); Miriam Abramovay et al. (2005); Suzana Caldeira e Isabel Rego (2001); Luiza Mitiko Camacho (2001); Bernard Charlot e Jellab, Aziz Emin (1997); Claire Colombier (1989); Ilana Laterman (2000); Maria Auxiliadora Pereira (2003); Marília Pontes Spósito (2002); dentre outros.

classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto”¹². Esta violência é caracterizada e mantida pelo conhecimento e pelo desconhecimento prático de seus agentes.

Este processo é realizado por aqueles que detêm o poder de definir quem está dentro – o idêntico, a norma – e quem está fora - o diferente. São considerados diferentes aqueles que, por suas características sociais (classe, gênero, idade, raça, religião), étnicas, corporais, portadores de necessidades especiais, de desempenho cognitivo, motor e afetividade não se adequaram às normas de competitividade, da racionalização, da padronização, isto é, encaixam-se nas “características” dos perdedores na lógica do mercado. São essas questões que determinam o caminho da desigualdade e da injustiça social. Por conta disso, ressaltamos a necessidade de enfatizar a possibilidade de acompanhar quais significados estão sendo produzidos nos diversos segmentos da sociedade, quais os seus efeitos sobre seus integrantes e como se dá a construção das relações históricas e de poder desses grupos sociais. Por conta deste processo é que o popular é comumente desconsiderado em relação ao erudito (NEIRA; NUNES, 2008, p. 45).

Como acreditamos que a escola é espaço de sociabilidade de seus estudantes, é forçoso refletir como essa reprodução institucional interfere no cotidiano de seus estudantes, no sentido de estabelecer rearranjos sociais no espaço escolar, que possibilitem interação e diferenciação, ou seja, “marcar território”, muitas vezes, através da quebra às regras institucionais, isto é, através da provocação em relação aos(às) outros(as) e aos educadores; do isolamento e da sociabilidade com outros adolescentes em espaços não formativos, já que:

A escola é uma instituição com função tradicionalmente socializadora vinculada ao objetivo de difusão dos conhecimentos sistematizados pela humanidade. Suas bases normativas, porém, são históricas e possuem os paradoxos e os conflitos que parecem inerentes à condição social e humana (MEINERZ, 2005, p. 113).

A escola brasileira contemporânea preocupa-se em atender às atuais necessidades das sociedades mercadológicas, ou seja, formar mão de obra (des)qualificada e barata para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade, como ratifica a conhecida falta de investimentos em uma educação de qualidade, voltada para a formação de cidadãos críticos, contestadores e transformadores da realidade cultural, política educacional e social em que atuam. Reside aqui, um desafio a ser vencido.

O atual quadro nacional da educação brasileira, nos mostra que a Escola Básica, enquanto instituição deixou de ser vista como um lugar importante onde nos “instituímos como pessoas, onde conhecemos e aprendemos a fazer valer nossos direitos, e conseguimos, a partir daí, criar uma palavra livre, autônoma nas sociedades contemporâneas” (NÓVOA, 2007, p. 11), para ser vista como uma prestadora de serviço ao Sistema Capitalista. Mas não esqueçamos que é na escola que aprendemos a cidadania e convívio com as diversidades, pois nela nos aproximamos de nossos primeiros grupos sociais não familiares; por isso, há a necessidade de defendê-la e de entendê-la

¹² Segundo Vasconcelos (2002, p. 81), o termo violência simbólica pode ser utilizada para “explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, as práticas linguísticas e outras”.

enquanto campo não apenas de conhecimentos formativos individuais, mas também de sociabilidades¹³.

No processo de socialização, a escola atual vem transmitindo e consolidando, explícita ou veladamente, “uma ideologia cujos valores são o individualismo, a competitividade e a falta de solidariedade, a igualdade formal de oportunidades e a desigualdade ‘natural’ de resultados em função de capacidades e esforços individuais”. É difundida, e assumida, a ideia de que a escola é igual para todos e cada um chega onde sua capacidade e seu esforço pessoal lhe permite. “Impõem-se lhe a ideologia aparentemente contraditória do individualismo e do inconformismo social”. Dessa forma aceitamos que a sociedade é desigual e discriminatória, resultado “natural e inevitável das diferenças individuais evidenciadas em capacidades e esforços” (TIGRE, 2013, p. 26).

Isso é algo que demandaria esforço coletivo, da própria instituição, dos professores que necessitariam repensar suas práticas, mas, primeiramente, é preciso habilidade para que estes agentes entendam quem são os adolescentes para quem ensinam; e se percebam dominados de um lado e dominantes de outro, e que suas práticas marcadas diretamente pelos saberes e capitais culturais (distintos) que, certamente, influenciarão a formação de seus estudantes; estes, legitimados pelo lugar social em que foram naturalizados arbitrariamente pelo *habitus* em que estão inseridos, pois,

As sociabilidades desenvolvidas no interior das dinâmicas escolares perpassam as representações elaboradas e reelaboradas sobre raça, cor, preconceito racial, (classe social, gênero, religião, sexualidade), discriminação e identidade negra no universo escolar (COELHO; SILVA, 2016, p. 47).

porém, para que isso ocorra, exige-se que sejam indagadas as relações de poder presentes nas relações de gênero, idade, classes subalternas, habilidades motoras e cognitivas dos alunos, etnias, orientações sexuais, na relação escola *versus* família (que proporciona relações de poder diversas, de acordo com a classe social de cada comunidade) e também na titulação dos docentes e nas posições funcionais que esses adquirem em sua vida acadêmica (NEIRA; NUNES, 2008, p. 86-87).

A escola, mais que um local marcado pela educação formativa, pode constituir-se um espaço de lazer, de interação mútua entre estudantes, professores e demais profissionais, pois a escola “é uma instituição social e, portanto, inserida no meio das relações socioculturais que promovem as desigualdades” (NEIRA; NUNES, 2008, p. 65-66). No entanto, pouco reflete sobre a realidade e sobre as sociabilidades de seus estudantes.

Eleger a escola como locus de observação e análise das sociabilidades juvenis se justifica, portanto, pelo lugar ocupado por aquela instituição na cultura juvenil. Especialmente para jovens da periferia, a Escola constitui o universo a partir do qual as relações sociais são constituídas, firmadas e amadurecidas. Torna-se pertinente,

¹³ O termo sociabilidade é apontado por Heitor Frugoli Jr (2007, p. 8) como originalmente pertencente ao campo da sociologia, sob autoria de George Simmel (1858-1918) que se preocupava com a formação da sociedade e sua manutenção através das interações. Segundo este autor, para Simmel, a sociedade existe como um dos modos pelos quais toda a experiência humana pode ser potencialmente organizada, e num sentido concreto, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço; num sentido abstrato, denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede. A sociedade seria, em suma, “a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos particulares de associação (*Vergesellschaftung*)” (FRUGOLI JR, 2007, p. 9).

da mesma forma, a problematização da participação da Escola na conformação de tais sociabilidades. Não se trata evidentemente, de sopesar os encaminhamentos pedagógicos na resolução de conflitos, mas de questionar o quanto do conteúdo axiológico constante do saber escolar é acionado pelos estudantes na conformação das sociabilidades que vivenciam.

Entender e intervir nas sociabilidades juvenis engendradas e desenvolvidas na Escola constitui, então, uma ação pedagógica da maior importância. Por meio de investigações e reflexões que deem conta dessa dimensão da vida escolar, será possível apreender uma das lacunas da formação docente, qual seja o domínio das culturas juvenis. Compreendê-las é um passo importante, para exercer sobre elas uma ação educativa (COELHO; COELHO, 2016, p. 33-34).

Entender relações de sociabilidades estabelecidas por adolescentes no ambiente escolar, portanto, é entender os padrões privilegiados existentes na escola, é entender as representações elaboradas e reelaboradas que sustentam e justificam o preconceito sobre o outro ou sobre determinado grupo.

O preconceito parte do desconhecimento, do estranhamento e da hostilidade. É uma crença prévia sobre algo ou alguém, especialmente vinculado a uma ideia de inferioridade. O preconceito é um conceito apressado, cultivado da opinião, antes de compreender o outro na sua alteridade. Existem alguns latentes na nossa sociedade, mercedores de ressalva: preconceito contra mulheres, homossexuais, idosos, jovens, crianças, obesos, deficientes, linguístico, de classe e de cor/racial (COELHO; SILVA, 2016, p. 45).

As hierarquias presentes na escola apontam o espaço escolar como um espaço não neutro, “carregado de símbolos, signos e pistas que nos possibilitam perceber as relações sociais existentes entre aqueles/as que ali habitam” (BRUM, 2004, p. 77). Estas hierarquias são exercitadas cotidianamente e ocupam um lugar central na formação de subjetividades que ditam comportamentos e adequações a modelos privilegiados pela reprodução de representações que ratificam preconceitos de ordem racista, de gênero, homofóbico, econômico, onde o outro, o estranho não é ouvido, pois a escola

como espaço de socialização, contribui na formação de políticas culturais ou reforçam essa cultura adultocêntrica, os jovens nela inseridos estão submetidos a uma condição de desigualdade quando suas falas não são audíveis, suas expressões não são reconhecidas, seu estilo de vida é desvalorizado (BRUM, 2004, p. 107).

Gênero e sociabilidades: ditos e “não ditos”

Os trabalhos analisados sobre sociabilidades adolescentes na Escola Básica, nos apontam a categoria “gênero” como marca de diferenciação social entre adolescentes escolares brasileiros, elegendo lugares periféricos às identidades homossexuais e transgêneros nos ambientes escolares.

Os trabalhos dedicados às pesquisas sobre gênero nos apresentam uma categoria ainda norteadas pela noção presumida de superioridade do gênero masculino sobre o feminino, manifestado de forma mais latente durante as aulas de Educação Física¹⁴ (PIOVANI, 2012), onde os modos de participação e aprendizagem de meninos e meninas, assim como a noção das diferenças biológicas dos gêneros, podem interferir na diversificação de conteúdo desta disciplina, além de determinar a

¹⁴ Sobre gênero e Educação Física ver os estudos: Altmann (2009; 2015); Altmann, Ayoub e Franco (2011).

participação distinta dos gêneros em atividades distintas, assegurando, de forma sutil, ao gênero masculino a liderança nas atividades mistas, principalmente no que diz respeito aos jogos e aos esportes coletivos.

Essas brincadeiras e jogos distintos realizados por meninos e meninas – nas quais o futebol ainda acaba sendo espaço predominantemente masculino – demonstram como as habilidades corporais são marcadas por construções de gênero, uma vez que essas construções atrelam as brincadeiras como sendo masculinas e femininas. Assim, nessas diferentes brincadeiras os corpos e habilidades vão se desenvolvendo de maneiras diferentes para um e outro gênero (UCHOGA, 2012, p. 56).

O gênero, portanto, demarca uma barreira social ligada ao conceito de sociabilidade à noção de conflito e à noção de cooperação, e atenta, ainda, para a interferência do currículo da disciplina como influenciador das relações estabelecidas entre meninos e meninas nas aulas.

Nesse sentido, gênero parece ser a primeira categoria atuante na expectativa de aprendizagem e envolvimento com os conteúdos, sobrepondo-se até mesmo à habilidade corporal, dado que esta é atribuída aos meninos antes mesmo de ser observada na prática. Por exemplo, antes mesmo que tais habilidades sejam adquiridas de fato, já se espera ou atribui que o masculino tem mais legitimidade e sucesso num jogo, na execução de um movimento ginástico ou para pegar a bola que cai em algum lugar de difícil acesso (como o telhado da escola). Assim, nesses exemplos, a expectativa de gênero legítima que o masculino tenha mais oportunidades de acesso e desenvolvimento de habilidades corporais diversas. Tal expectativa não está posta, *a priori*, para o feminino (UCHOGA, 2012, p. 76).

O segundo ponto a considerar é a relação estabelecida entre Escola Básica, enquanto instituição formadora, e a constituição de sociabilidades de seus estudantes que convergem para a maximização da importância da Escola Básica como uma instituição reprodutora de hierarquias hereditárias que podem interferir, diretamente, sobre a “identização” e sobre as relações de sociabilidades de seus estudantes, podendo resultar, inclusive, em exclusão e violência, seja esta física ou simbólica¹⁵, contra aqueles(as) que não se enquadram nas normas privilegiadas como modelo a seguir dentro da escola, como podemos ver nas mensagens destacadas no Quadro 1.

Quadro 1: Quadro matricial das categorias relacionadas às sociabilidades adolescentes: identização

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Identização	T1: busca consolidar-se entre os pares através das relações de afetos e desafetos, que implicam amizades, namoros, brigas (p. 127-128). D6: através nas conversas na sala de aula, nos corredores, na cantina, no pátio ou em outros espaços no interior da instituição de ensino, os jovens alunos presenciam oportunidades de, mediados pelas relações sociais, aprenderem a compreender a si mesmo, o outro e a realidade a seu redor (p. 15). D7: a busca pela identidade passa a ser um elemento aglutinador, pois é por essa razão que os jovens passam a se agrupar e formar as conhecidas tribos (p. 26). D7: a identidade social era, e ainda é, vista como um fator de grande importância na construção da identidade pessoal e individual (p. 26). D7: a consciência da identidade individual somente é possível somente é possível através do

¹⁵ Violência Simbólica pode ser entendida como uma manifestação decorrente do poder simbólico. Ele delinea a violência simbólica como uma “violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8).

	<p>reconhecimento do outro, isto é, muito do que se está fora do sujeito pertence à essência do seu eu que se revela no outro (p. 27).</p> <p>D7: no decorrer das práticas cotidianas os indivíduos incorporam linguagens e disposições, que influenciam na conformação de suas identidades e lhes permitem integrar-se a um determinado grupo social (p. 52).</p> <p>D8: pode-se dizer que os diferentes grupos criam suas identidades, em função da negação ou aceitação de valores de grupos “dominantes” (p. 47).</p> <p>D11: a construção da identidade faz-se num processo dinâmico e complexo, no qual os sujeitos têm uma percepção da realidade e organizam os seus modos de vista (p. 76).</p> <p>D11: as relações que os jovens estabelecem com o universo escolar demarcam o seu olhar para a escola e a construção de sua identidade estudantil (p. 79).</p> <p>D11: o jovem que se apropria da identidade de aluno tende a relativizar a sua realidade extraescolar, passando a criar uma identificação com a disciplina própria da escola e seu conteúdo (p. 80).</p> <p>D15: quando estas jovens montam e remontam seus corpos, subjetividades e identidades, para além da explicação de suas vontades e desejos, ficam evidentes os limites e possibilidades da articulação de cada corpo com seus espaços de circulação e de pertencimento (p. 76).</p> <p>D15: as categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e como tais exclusivistas. “Há expectativas sociais em relações a estes termos, além de que eles evocam uma série de enunciados não somente de gênero e sexualidade, mas também de classe, cor/raça e geração” (p. 77).</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada, 2016.

Não podemos esquecer que diferentes fatores podem interferir diretamente sobre as relações destes estudantes: a classe social, a cor da pele, a sexualidade, a fragilização dos laços de família, a explosão urbana, a globalização cultural, a gravidez precoce, o envolvimento em situações de risco, o uso de drogas, dentre tantos outros; que, se considerados, podem explicar desvios ou mudanças de comportamento de estudantes com seus pares, que vão do isolamento à agressividade, seja na sala de aula, na quadra, nos banheiros ou em outros espaços da escola ou mesmo fora dela. O Quadro 02 ocupa-se em apresentar as mensagens referentes a gênero e sociabilidades, presentes nos trabalhos analisados.

Quadro 2: Quadro matricial da categoria gênero relacionada às sociabilidades adolescentes

Temas	Exemplos de Verbalização (Mensagem)
Gênero e sociabilidades	<p>D1: o currículo oculto funciona como mecanismo que legitima as desigualdades sociais, raciais e de gênero presentes na escola (p. 48).</p> <p>D6: os jovens chegam à escola marcados pela diversidade, fruto da quantidade e qualidade das experiências e relações sociais, anteriores e concomitantes à experiência escolar (p. 15).</p> <p>D6: levar em conta o jovem como sujeito implica considerar que no interior da escola existem processos, lugares, situações e, sobretudo, relações que podem contribuir na construção da subjetividade do jovem (p. 17).</p> <p>D14: currículo escolar esportivizado, com ênfase principalmente nos esportes coletivos, tem sido apontado por estudiosos como problemático para a equidade de gênero no contexto escolar, uma vez que esse conteúdo está culturalmente associado a representações de masculinidade e, socialmente, é mais praticado pelo sexo masculino, que tem mais legitimidade para praticá-lo em outros espaços sociais (p. 63).</p> <p>D14: no caso da percepção da professora – que enxerga que os conflitos são em função das habilidades e não do gênero – a questão é que devemos considerar que a aquisição dessas habilidades é marcada por gênero, seja em relação às oportunidades, seja quanto aos reforços dessas ao longo – mas não exclusivamente – de todo o processo escolar (p. 66).</p> <p>D14: gênero parece ser a primeira categoria atuante na expectativa de aprendizagem e envolvimento com os conteúdos, sobrepondo-se até mesmo à habilidade corporal, dado que esta é atribuída aos meninos antes mesmo de ser observada na prática (p. 76).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da bibliografia analisada, 2016.

Os trabalhos analisados sinalizam a violência como, ainda, um problema crônico da Escola Básica, cada vez mais espetacularizado, de forma gratuita, graças aos avanços tecnológicos e das redes sociais que permitem a transmissão simultânea ou o compartilhamento quase imediato das situações de violência correntes no ambiente escolar, principalmente entre adolescentes e por questões sem grande relevância social para quem não faz parte dos sujeitos ou grupos nelas envolvidos (LEITE, 2011). O preconceito de gênero figura entre as motivações que alimentam diferentes casos de violência escolar influenciando diretamente as formas de sociabilidades de nossos estudantes.

Os trabalhos, no entanto, deixaram lacunas, aqui chamadas de “não ditos”, estes dizem respeito a como a escola pode atuar como facilitadora de garantias de permanência digna de adolescentes homossexuais e transgêneros na escola até a conclusão de seus estudos e, assim, permitir que mais sujeitos de gênero diverso do binário masculino/feminino possam ter uma educação inclusiva, conseqüentemente, uma realidade diferente daquela em que são obrigadas atualmente a viver, longe da escola e dependentes muitas vezes da exploração sexual de seus próprios corpos para sobreviverem, já que não conseguem outro tipo de subsistência, seja pela condição de serem homossexuais ou transgêneros, seja por não terem formação escolar/acadêmica mínima exigida.

As discussões estabelecidas nos trabalhos analisados estão traçadas pelo mote da violência e exclusão na Escola Básica, tais trabalhos detiveram-se à análise das ocorrências de situações de violência na escola, onde o gênero foi classificado como agente influenciador de sociabilidades, logo, de violências, independentemente de autorias. Porém, um dos trabalhos registra a violência de autoria institucional, ou seja, praticada pela escola, manifestada especialmente contra sujeitos homossexuais que assumem identidade feminina ou transexual, após, especificamente, quebrarem as regras do vestuário tradicional de estudantes ao passarem a vestirem-se, e portarem-se, como meninas e sofrendo, conseqüentemente, todo tipo de violência por negarem o que a sociedade espera e aceita como “normal” para o corpo e o comportamento de uma pessoa do gênero masculino, já que não deixaram de serem os meninos que são, biologicamente, claro. No entanto, tanto as sociabilidades destes adolescentes, quanto a transfobia¹⁶ que sofreram na escola não foram bem desenvolvidas no debate levantado, evidenciando problemas estruturantes no trabalho que poderia ter focado mais nas conseqüências da violência cotidiana na vida destes adolescentes, visto que moramos em um país patriarcal, machista, cristão, racista e homofóbico¹⁷ que mais mata

¹⁶ Transfobia é a aversão dedicada a pessoas travestis, transexuais e transgêneros, trazendo sérias conseqüências para a vida e para a existência dessas pessoas, dentre elas perseguições, exclusão social e assassinatos em massa. O Brasil é hoje o país que mais mata pessoas transgênero no mundo, somente no período entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes no país, segundo pesquisa da organização não governamental *Transgender Europe* (2016), rede europeia de organizações voltada para o apoio aos direitos da população transgênero no mundo.

¹⁷ A homofobia pode ser entendida de forma genérica como uma manifestação preconceituosa caracterizada pela aversão contra sujeitos(as) homossexuais em geral. Surgido inicialmente nos Estados Unidos, no início da década de 1970, o termo homofobia foi utilizado para designar “o medo expresso por heterossexuais de estarem na presença de homossexuais” (JUNQUEIRA, 2007; BORRILLO, 2015) e carrega em si diversas cargas ideológicas de gênero, hierarquias, política, sexualidade, exclusão social, violência física e simbólica; e se realiza de forma negativa contra as homossexualidades, estabelecendo de forma arbitrária um (não)lugar social para sujeitos homossexuais. A homofobia, no entanto, é bem mais que uma discriminação dirigida a um indivíduo, ela volta-se para todo um coletivo idealizado a partir das marcas caricatas de gênero e de modelo comportamental (heterossexual) que condena e exclui tudo o que foge a esta caricatura. Sua dimensão, portanto, não é apenas

homossexuais no mundo e que mais exclui pessoas transexuais de espaços formativos, condenando-as a viver à margem social e cuja única forma de sobrevivência está, majoritariamente, na exploração sexual de seus corpos¹⁸.

Outro aspecto negligenciado nos trabalhos sobre sociabilidades adolescentes defendidos nos Programas de Pós-Graduação brasileiros, entre 2004 e 2013, diz respeito a não ênfase aos danos psicológicos causados pelos “ruídos”¹⁹ nas sociabilidades dos adolescentes escolares analisados nas referidas pesquisas. Entendamos por ruídos de sociabilidade, tudo aquilo que perturba e prejudica a tessitura das relações sociais entre os sujeitos envolvidos: preconceito social, de cor, de gênero, de sexualidade, etc., qualquer fator significativo que resulte em comportamentos voltados para a violência física e simbólica²⁰, estas tradicionalmente abordadas de forma “uniformizada” como *bullying*, perseguições ou invisibilizações forçadas, contra determinados sujeitos ou grupos de sujeitos, ou seja, tudo o que pode contribuir para o adoecimento físico, mental e espiritual dos sujeitos, no caso de nosso estudo, sujeitos adolescentes, fazendo-os perderem o interesse pela escola, repetirem de ano, abandonarem a instituição ou, em casos mais desesperadores, procurarem artifícios, como o jogo da Baleia azul, que os auxiliem a tirarem a própria vida.

O estudo das sociabilidades de adolescentes homossexuais e transgêneros, na Escola Básica, portanto, é um campo que necessita ser investigado com mais vagar, seja pela necessidade de combater um problema grave que é a homofobia neste país, apontado recentemente como o que mais mata pessoas homossexuais e transgêneros no mundo e, contraditoriamente, o que mais “consume” estes sujeitos no mercado da prostituição das grandes cidades, como Belém do Pará, por exemplo²¹; seja pela necessidade de fazer da escola um espaço de conscientização e de afetividade,

pessoal, dirigida a sujeitos homossexuais, mas social, logo, também política; podendo até mesmo existir independente da condição sexual e suas vítimas.

¹⁸ Segundo o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais, realizado pelo Grupo Gay da Bahia (2016), amparado por dados apresentados por agências internacionais sobre crimes homo-transfóbicos, o Brasil continua sendo o campeão mundial em assassinato de pessoas homossexuais e transgêneros, sendo 40% dos assassinatos de transexuais e travestis cometidos no ano de 2013, em todo o planeta, aconteceram no Brasil.

¹⁹ O uso do termo “ruído” não é comum nas pesquisas do campo da Educação, seus usos são mais frequentes no campo dos estudos da linguagem para designar quaisquer elementos responsáveis por interferências no processo comunicativo de mensagens entre locutor ou emissor, quem emite a mensagem; e interlocutor ou receptor, quem a recebe ou deveria recebê-la de forma íntegra. Tais ruídos podem ocorrer nas esferas internas e externas à comunicação e apresentam-se divididos em quatro grupos distintos: a) Físico, de origem externa, são sons presentes no ambiente que interferem diretamente sobre a compreensão ou emissão da mensagem vinculada; b) Fisiológico, de origem interna, ocorre quando qualquer questão fisiológica, como uma dor de cabeça, por exemplo, interfere na compreensão ou emissão da mensagem vinculada; c) Psicológico, também de origem interna, realiza-se na cabeça da pessoa, quando nos distraímos no momento da comunicação, resultando assim, na não decodificação da mensagem vinculada; e d) Semântico, o ruído se manifesta na incompreensão de mensagens com mais de um sentido ou pelo desconhecimento de assuntos referentes à saberes técnicos restritos a determinantes falantes, como jargões médicos e jurídicos, por exemplo. Para mais informações a respeito, ver os trabalhos de Kunsch (1997), Berlo (1970), Fiorin (2004), Dubois, et al. (1978) e Vanoye (1986).

²⁰ Violência Simbólica pode ser entendida como uma manifestação decorrente do poder simbólico. Ele delinea a violência simbólica como uma “violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8).

²¹ Em Belém, dados do Movimento LGBT do Estado mostram que somente em 2009 pelo menos seis travestis foram mortos na região metropolitana. Em junho de 2012, três travestis foram baleadas por dois homens o que resultou na morte da travesti Bianca no local, as outras duas, Letícia (registrada com o nome de Renilson Cabral Ribeiro, 31 anos) e Elóia (Leandro Oliveira Matos, 24 anos), tiveram ferimentos graves e foram encaminhadas para atendimento emergencial no Hospital Metropolitano, na cidade de Ananindeua, próxima à capital Belém. Meses depois, em outubro, mais uma travesti foi encontrada morta a tiros na estrada do centro de abastecimento da cidade de Belém – Ceasa, no bairro periférico do Curió-Utinga. Ela tinha 18 anos e se chamava Emerson

onde olhar o(a) outro(a), colocar-se no lugar do(a) outro(a), também compõe a formação cidadã pretendida por nossa legislação Educacional vigente, pautada na valorização da vida e dos Direitos Humanos, nossos e do(a) outro(a), isso exige, porém, um certo investimento em repertório teórico por parte dos(as) professores(as) e de todos(as) nós, enquanto sociedade.

Considerações finais

A relevância de estudar as diferentes formas de sociabilidades adolescentes na Escola Básica nos direciona para a importância de refletirmos sobre currículos escolares, visíveis e ocultos, passando, fundamentalmente, pela necessidade de trazer para o centro do debate a discussão da integração das “minorias” presentes na composição da escola e como estas podem contribuir para mudanças positivas no processo de escolarização na Escola Básica brasileira.

Há, como vimos, predominância de estudos sobre sociabilidade adolescentes na Escola Básica nos campos de conhecimento ligados às humanidades, especificamente no campo da Educação que tem a violência como principal agente influenciador de sociabilidades. Ratificamos a importância destes trabalhos para a reflexão sobre as sociabilidades vividas entre adolescentes na Escola Básica brasileira, pois os(as) autores(as) analisados enfatizam a importância da permanência destes adolescentes na escola e atentam para o papel da Escola Básica enquanto instituição formativa, sobre as sociabilidades desenvolvidas no interior desta instituição e suas influências no desempenho escolar destes estudantes, pois entendem a escola como espaço social comum voltado não apenas para a escolarização, mas também para as sociabilidades.

Neste sentido, compreende-se a necessidade de estudarmos mais de perto como se dão as relações de sociabilidades entre adolescentes escolares, e, assim, identificar como se constroem as hierarquias que norteiam as aproximações entre grupos e a exclusão dos “estranhos no ninho”, mapear os problemas resultantes dessas sociabilidades e traçar metas para corrigi-los, aperfeiçoando assim, o processo formativo desses adolescentes e de suas redes de socialização nos espaços escolares, sejam eles formativos ou não. É preciso também que a escola aprenda a ver seus/suas estudantes como seres que precisam interagir, socializar, estabelecer laços com outros seres de igual necessidade, muitas vezes longe da rigidez das fileiras das carteiras escolares.

Atentamos, por fim, para a necessidade de olhar para a adolescência como um período importante na formação de nossas identidades, pois nela ocorre boa parte da formação de nosso caráter, a partir da construção de nossos grupos extrafamiliares, em busca de pertencimento,

Morais Costa, mas usava Raica como nome social e estipula-se que morta após a realização de um programa onde o pagamento foi seu assassinato. E em dezembro de 2012, na ilha de Mosqueiro, distrito de Belém do Pará, o menor de idade identificado aqui apenas como “P” fora atraído, através da internet, para uma emboscada onde foi, amarrado, humilhado, violentado, esfaqueado e deixado agonizando até a morte chocando os moradores da pequena cidade litorânea carinhosamente chamada de “bucólica”. Quando “P” foi encontrado ainda estava com vida, porém, como estava sem roupa e apresentava estar naquela situação por manter relações sexuais com outro(s) homem(ns), consensual ou não, a ele foi negado o direito ao Socorro unicamente por ser visto como gay, como se fosse um castigo por sua possível condição sexual. Esses casos servem para nos alertar que algo precisa ser feito, e com urgência, para a luta contra a ideologia homofóbica em nossa sociedade e na escola não pode e nem deve ficar inerte a esta luta. Além destes, muitos outros casos se quer foram registrados, pois ainda trata-se de um assunto que não gera estatística. Muitas pessoas homossexuais e transgêneros são agredidas diariamente, mas temem denunciar o agressor que às vezes está bem próximo, seja na família, seja na vizinhança ou seja na própria escola, por saberem que nada será feito pelas autoridades policiais além de reforçarem o constrangimento a que homossexuais e transgêneros conhecem há muito tempo.

compreensão, cumplicidade, aceitação social entre novos pares. Também atentamos para a importância de uma formação de professores, tanto inicial quanto continuada, voltada para o enfrentamento das demandas advindas dessa fase da vida e para a promoção de uma transformação em seu fazer pedagógico que resulte em uma mudança efetiva e também qualitativa no processo de ensino-aprendizagem no cotidiano da Escola Básica e ratificamos a urgência de conhecer nossos estudantes adolescentes, suas formas de sociabilidade e suas relações com a Escola Básica para, de posse de tal conhecimento, traçarmos as melhores estratégias de nossa atuação docente.

Referências

- ALTMANN, Helena et al. Educação Física escolar e igualdade de gênero: um estudo transcultural, primeiras aproximações. In: CONBRACE. Congresso brasileiro de ciências do esporte, 16. *Anais...* Salvador, 2009, p. 1-7.
- _____; AYOUB, Eliana; FRANCO, Sílvia Cristina. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? *Revista de Estudos Feministas*, v. 12, n. 2, p. 491-501, maio/ago. 2011.
- _____. *Educação Física Escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.
- ABRAMOVAY, Mirian et al. Violência nas escolas: situação e perspectiva. *Boletim 21*, Unesco, v. 1, p. 3-12, 2005.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- Berlo, David. *O processo da comunicação: introdução à teoria e prática*. Rio-Lisboa: Editora Fundo de Cultura S.A., 1970.
- BOECHAT, Breno. *Estudante agredida por intolerância religiosa dentro de escola não quer voltar ao colégio*. 2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/estudante-agredida-por-nitolerancia-religiosa-dentro-de-escola-nao-quer-voltar-ao-colegio-17650415.html#ixzz48gdLQpCr>>. Acesso em: 13 maio 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus Editora, 1996.
- _____. *Escritos de educação*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. *A dominação masculina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BRUM, Dalva Marisa Ribas. *Expressões juvenis na cultura escolar: um olhar para a escola pública*. 129f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- CALDEIRA, Suzana Nunes; REGO, Isabel. Contributos da psicologia para o estudo da indisciplina na sala de aula. *Estudos da Psicologia*, v. 18, n. 1, p. 76-96, 2001.
- CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. *Educação e Pesquisa*, v. 27, n. 1, p. 123-140, 2001.
- CARVALHO, Jatene Magalhães. Produção cultural e redes de sociabilidade no currículo e no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 53, p. 399-414, abr./jun. 2013.
- CHARLOT, Bernard; ÈMIN, Jellab, Aziz (Coord.). *Violences à l'école: état des savoirs*. Paris: Mason 7 Armand Colin, 1997.
- CECCHETTO, Fátima; MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane. Sociabilidade Juvenil, cor, gênero e sexualidade no baile charme carioca. *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 146, p. 454-473, maio/ago. 2012.
- CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. *Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía. *A cor Ausente: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores – Pará, 1970-1989*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar. Preconceito e discriminação para além da sala de aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia

Maria Pedroso; SILVA, Carlos Ademir Farias da (Orgs.). *Formação de professores, livro didático e Escola Básica*. São Paulo: Livraria da Física, 2016, p. 15-43.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SILVA, Carlos Ademir Farias da. Preconceito, discriminação e sociabilidades na Escola Básica. In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía; MÜLLER, Tânia Maria Pedroso; SILVA, Carlos Ademir Farias da (Org.). *Formação de professores, livro didático e Escola Básica*. São Paulo: Livraria da Física, 2016, p. 45-82.

COLOMBIER, Claire. *A violência na escola*. São Paulo: Summus, 1989.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERRÃO, Aline de Araújo. *A violência na escola e o seu papel de socialização*. 109f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2004.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GRUPO GAY DA BAHIA. Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais. Bahia: GGB -Grupo Gay da Bahia, 2016, p. 1-27. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas*, v. 1, n. 1, p. 1-22, jul./dez. 2007.

KOLLER, Sílvia Helena. Educação para pró-sociabilidade: uma lição de cidadania? *Paidéia*, n. 12-13, p. 39-50, fev./ago. 1997.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Relações Públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional*. São Paulo: Summus, 1997.

LATERMAN, Ilana. *Violência e incivildades na escola*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

LEITE, Gelson Antonio. *Juventude e socialização: os modos do ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte*. 190f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

MEINERZ, Carla Beatriz. *Adolescente no pátio, outra maneira de viver a escola: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar à periferia urbana*. 206f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

MONZELI, Gustavo Arthur. *Em casa, na pista ou na escola é tanto babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis*. 101f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.

MONTEIRO, Simone et al. Identidades, trânsitos e diversidades em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro. *Pagu*, n. 35, p. 79-109, jul./dez. 2010.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2008.

NÓVOA, Antônio. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*. São Paulo: SINPRO-SP, 2007.

PEREIRA, Maria Auxiliadora. *Violência nas escolas: visão de professores do Ensino Fundamental sobre esta questão*. 114f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

PIMENTA, Melissa de Matos. Masculinidades e sociabilidades: compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 7, n. 3, p. 70-730, jul./set. 2014.

PIOVANI, Verônica Gabriela Silva. *Escola, tecnologia e sociabilidade na Educação Física: intercâmbios pedagógico-culturais no âmbito do plano CEIBAL e do PROUCA*. 214f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

PRIOTTO, Elis Palma. Características da violência escolar envolvendo adolescentes. In: EDUCERE. Congresso de Educação da PUCPR, 6, 2006. *Anais...* Curitiba: Champagnat, 2006, p 16-28.

_____. *Violência escolar: políticas públicas e práticas educativas*. 200f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

_____. BONETI, Lindomar Wessles. Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009.

PORTAL G1. *Escola diz que morte de menino de 12 anos foi acidente: polícia investiga*. 2016a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/08/escola-diz-que-morte-de-menino-de-12-anos-foi-acidente-policia-investiga.html>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PORTAL G1. *Aluno é agredido a pauladas na porta de escola na zona sul de São José*. 2016b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2016/02/aluno-e-agredido-pauladas-na-porta-de-escola-na-zona-sul-de-sao-jose.html>>. Acesso em: 13 maio 2016.

PORTAL R7. *Adolescente morre após passar mal durante briga na porta de escola da Grande BH*. 2016. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/minas-gerais/adolescente-morre-apos-passar-mal-durante-briga-na-porta-de-escola-da-grande-bh-15042016>>. Acesso em: 13 maio 2016.

RIBEIRO, Célia Carlota Rodrigues Pereira Marques. *Relações de sociabilidade, entre adolescentes, em contexto escolar*. 152f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto, 2010.

ROZARIO, Elton Santa Brígida do. *Para além das plumas e paetês: a atuação do movimento LGBT de Belém-PA no enfrentamento à LGBTfobia*. 165f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.

SPÓSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 27, n.1, p. 24-39, 2002.

TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. *Escola, juventude e violência: um estudo no Ensino Médio*. 242f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.

TRANSGENDER EUROPE. *TMM Annual Report 2016: 2,190 murders are only the tip of the iceberg – An introduction to the Trans Murder Monitoring project, 2016*. Disponível em: <<https://transrespect.org/es/tvt-publication-series/>>. Acesso em: 24 maio 2017.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. *Educação Física escolar e relações de gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos*. 191f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1986.

VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação e Sociedade*, v. 23, n. 78, p. 77-87, abr. 2002.

Recebido em: ago. 2017.

Aceito em: dez. 2017.

Anderson Patrick Rodrigues: Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rodriguesap_ufpa@yahoo.com.br

Wilma de Nazaré Baia Coelho: Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do departamento de história e dos Programas de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica e em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Pará. E-mail: wilmacoelho@yahoo.com.br